

CAMPO INTELECTUAL E ECONOMIA COGNITIVA

Vol. II

BEATRIZ ALENCAR D'ARAÚJO COUTO



LETRACAPITAL



Coletânea Inovação, Redes e Territórios Vol. II

Beatriz Alencar Couto, nos brinda com o presente livro. Para examinar o campo *intelectual e a economia cognitiva*. A pesquisa se inicia no contexto dos escritórios de Daniel Brunham, Le Corbusier e Zaha Hadid Arquiteto, quando da instalação o trabalho coletivizado que cria novas práticas de apropriação do mais trabalho. Lido nas origens da dominação do trabalho, no contexto da modernidade, até o presente processo de inovação dado pelas corporações de informática e de suas plataformas de digitalização do trabalho intelectual. A partir de uma importante trajetória de pesquisa teórica, foca na análise de diferentes objetos para formar um campo do Campo *Intelectual*.

Já no sec. XIX a partir de pesquisa empírica, vai examinando os diferentes processos que se desenvolveram do primórdio até a inclusão de plataformas de tecnologias informáticas para digitalização dos projetos. Quando a execução de práticas específicas, transformam as condições de trabalho, e os processos e os processos de sua expropriação simbólica. Condição central no processo de acumulação do capital. A importância de sua contribuição está escrita nesse recorte da realidade social, ao qual a autora pertence na condição de ser Arquiteta e Urbanista.

Beatriz passou a vida estudando, sempre focada na problemática associada as formas de expropriação do mais trabalho no processo de produção dos projetos de arquitetura e urbanismo. O conhecimento acumulado na análise de cada objeto, ao longo de sua extensa pesquisa lhe permite a formação do campo *Trabalho Intelectual*. Com essa pesquisa Beatriz se associa a *Rede Inovação, Redes e Territórios*, para contribuir com sua tese aos objetivos da presente coletânea de examinar a complexidade dos processos de mutação do mundo, que derivam da inovação tecnológica. Esse é o trabalho do pesquisador, a partir de uma ampla pesquisa ser capaz de construir de conhecimento novo, e com isso contribuir para o avanço da ciência.

Tamara Tania Cohen Egler
Coordenadora da Rede
Inovação, Redes e Territórios.



Beatriz Alencar d'Araújo Couto é Professora Titular de Planejamento Urbano e Regional na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (EA/UFMG) onde graduou-se engenheira arquiteta em 1974. Em 1978 concluiu o mestrado em Town and Regional Planning em Iowa State University, USA, tendo em seguida trabalhado até 1985 na Fundação João Pinheiro, MG, onde integrou equipes multidisciplinares de planejamento com atuação em diversas cidades do estado. Esta experiência com cidades mineiras e no trabalho em instituição de planejamento veio a constituir a base de duas linhas de ensino e de pesquisa que se desenvolvem desde então. Iniciou-se como professora colaboradora na EA/UFMG em 1980, atuando curso de Especialização em Urbanismo. Em 1984 formulou a linha de pesquisa que veio a ser intitulada "relações sociais de produção intelectual" e que tem se desdobrado em livros, capítulos de livros, artigos, textos técnicos e tese sobre o trabalho intelectual na economia cognitiva e seus impactos nas atividades profissionais e de ensino e pesquisa. Em 1985 foi admitida como professora Colaboradora no departamento de Urbanismo da EA/UFMG. O interesse pelas cidades se expressa tanto no ensino de graduação sobre planos locais e história das cidades no Brasil, como em linha de pesquisa e publicações correlatas sobre cidades, urbanismo e planejamento no século XX. Tornou-se professora titular por concurso público em 1996. Concluiu em 1999 o doutorado em Planejamento Urbano e Regional no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ). Participou do movimento docente, tendo sido presidente da associação dos professores da UFMG, APUBH, entre 1999-2002. Participou e orientou dissertações e teses no programa de pós-graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da UFMG. Retornou ao IPPUR/UFRJ para o pós-doutorado em 2023, integrando-se no INCT Inovação e Território.

Beatriz Alencar d'Araújo Couto

CAMPO INTELECTUAL
E ECONOMIA COGNITIVA:
a genealogia das relações de produção
no capitalismo digital

Volume II

LETRAPITAL

Conselho Editorial

Série Letra Capital Acadêmica

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)
Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)
Claudio Cezar Henriques (UERJ)
Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)
João Luiz Pereira Domingues (UFF)
João Medeiros Filho (UCL)
Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)
Lina Boff (PUC-Rio)
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)
Michela Rosa di Candia (UFRJ)
Olavo Luppi Silva (UFABC)
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)
Robert Segal (UFRJ)
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)
Sandro Ornellas (UFBA)
Sergio Azevedo (UENF)
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)
Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

Copyright © Tamara Tania Cohen Egler(Org.), 2024

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os
meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITORES Tamara Tania Cohen Egler

João Baptista Pinto

CAPA Reginaldo Luiz Cardoso

EDTORAÇÃO Jenyfer Bonfim

REVISÃO Rita Luppi

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

C198

Campo intelectual e economia cognitiva [recurso eletrônico] : a genealogia das relações de produção no capitalismo digital / [organização] Beatriz Alencar d'Araújo Couto. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2024.

recurso digital ; 15523 MB

(Inovação, redes e territórios ; 2)

Formato: epdf

Requisitos do sistema: adobe acrobat reader

Modo de acesso: world wide web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5252-030-2 (recurso eletrônico)

1. Territorialidade humana. 2. Sociologia urbana. 3. Livros eletrônicos. I. Couto, Beatriz Alencar d'Araújo. II. Série.

24-93809

CDD: 307.76

CDU: 316.334.56



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3553-2236/2215-3781
www.letracapital.com.br

Sumário

Introdução à coletânea Inovação, Redes e Territórios	9
Prefácio	11
Capítulo 1. Autores sem obra: a proletarização do trabalho intelectual na arquitetura, no planejamento urbano e no urbanismo	17
Arquitetos clássicos, o sistema de <i>atelier</i> e o nome-marca dos escritórios de arquitetura: um sobrevoo sintético	23
A divisão do trabalho no escritório de arquitetura: s ubsunção formal	26
O projeto-mercadoria e a subsunção real	33
Arquitetura computadorizada e a maturidade da subsunção real	48
Capítulo 2. O uso e o abuso do conceito de capital nas ciências sociais	55
Pode o capital ser uma categoria da esfera de reprodução social?	59
Capital humano e social como noções da teoria socioeconômica.....	63
Capital humano e social como noções dentro de teorias sociológicas.....	69
O uso neoclássico das noções de capital humano e social	71
Desenvolvimentos críticos a respeito das noções de capital econômico, cultural e social.	75

Trabalho especializado e capital variável como opostos a construções ideológicas de capital social	80
Observações conclusivas	82

**Capítulo 3. As mudanças estruturais nas relações sociais
de produção intelectual: da era do intelectual clássico**

à emergência do trabalho coletivizado	85
As distinções teóricas	87
Referencial metodológico	91
A primeira posição: o valor de uso do trabalho intelectual	92
A segunda posição: o valor do intelectual	94
A terceira posição: o mercado de bens simbólicos.....	95
A quarta posição: produção coletivizada	98
Justificativas ideológicas para o <i>status quo</i>	111
Um rápido sumário dos efeitos do Capital e Estado sobre o trabalho intelectual	115
Observações finais	116

Capítulo 4. Capitalismo digital e a economia cognitiva:

uma crítica histórico-materialista	119
Um breve esboço do surgimento histórico da economia cognitiva no século XIX	123
Trabalho simbólico no chão da fábrica: do capitalismo industrial ao digital	124
Capitalismo depois de Marx: teorização da economia industrial à cognitiva	127
Uma visão geral da teorização e análise em relação ao trabalho intelectual no século XX.	131
Linguagem, intelectuais e sociedade, a tríade epistemológica da economia cognitiva	134

As linhagens teóricas pertinentes do pensamento no século XX.....	136
Os pressupostos das humanidades e ciências sociais quanto ao psiquismo humano e o trabalho simbólico	138
Marx e a primeira inversão materialista	139
Lacan e a segunda inversão materialista.....	142
Mapeamento do Imaginário dos intelectuais no trabalho.....	148
Enodando os registros: o Simbólico, o Imaginário e o Real.....	167
Observações finais	169
Referências	170

Introdução à coletânea

Inovação, Redes e Territórios

A questão maior para a organização desta coletânea é a publicação de uma experiência intelectual, que reúne um conjunto de pesquisadores na rede tecnocientífica Inovação, rede e território, dedicados a fazer a análise das relações entre os avanços da ciência da computação – que se estendem rizomaticamente pelo mundo –, sua representação nos territórios e seus resultados sobre a humanidade. Nessa fronteira foi possível ler um conjunto de esforços analíticos de diferentes disciplinas, focadas no desenvolvimento de uma epistemologia capaz de dar conta dos processos de transformação em curso. A Computação foca no desenvolvimento da técnica. A Comunicação analisa as narrativas. A Sociologia analisa as relações humanas. A Geografia pensa as alterações na estruturação do território. A Arquitetura utiliza novos programas de informática para fazer projetos. Cada disciplina faz o avanço a partir de seus próprios paradigmas, seguindo seus modelos e padrões.

A ideia é propor um novo ponto de observação, capaz de fazer a síntese das variáveis. O centro de nossa proposta está no desenvolvimento dos fenômenos que estão transformando o espaço social no mundo. É preciso conceber a inovação como um sistema de produção que está atingindo a humanidade em todas as suas dimensões, porque ele reinventa a política, a economia, a integração social, a cultura e as formas de estruturação do território.

Nosso intento é produzir um novo olhar sobre a problemática e propor uma mudança de ponto de observação sobre o objeto que compartilhamos: é olhar, ver e pensar este mundo, que existe e que veio para ficar. Os problemas da inovação não são pequenos, eles se encontram em mutação contínua, e presentes em todas as condições de nossa existência.

O desafio é conceber a inovação como um sistema de produção que está atingindo a humanidade em todas as suas dimensões,

produz importantes transformações sobre o espaço, reinventa a política, a economia e a integração social. A propositura é abandonar as disciplinas e seus paradigmas para formar um novo campo que associa inovação técnica e transformação do espaço.

Para alcançar esse objetivo, trata-se de superar as divisões tradicionais das disciplinas entre Engenharia, Ciências Sociais, Geografia, Comunicação, Arquitetura e Urbanismo, entre outras, para reencontrar os fios condutores de uma análise sobre a totalidade do objeto em observação, considerando sua indivisibilidade. É preciso construir uma teoria, integrando a genealogia dos conceitos das disciplinas originárias, para produzir um modo de pensamento capaz de orientar um modo de operação que orienta e organiza a prática científica.

O desígnio da presente coletânea é formar um campo que seja capaz de aplicar a universos distintos o mesmo modo de pensamento. Desvendar essa complexidade para fazer uma pesquisa que seja capaz de operar a análise dos processos que lhe dão origem, para o bem e para o mal. É preciso considerar que foi formada com a participação de professores do Planejamento Urbano e Regional, tradicionalmente focado em princípios de multidisciplinaridade, uma prática científica apoiada em diferentes teorias, e uma interdisciplinaridade para produzir a interação conceitual. Ele é produto de uma longa história que se realizou ao longo de muitos anos de pesquisa, no âmbito do Laboratório Espaço, onde foram realizadas pesquisas e suas interlocuções, e atualmente permite a formação de uma rede de pesquisadores que associa um conjunto de laboratórios, de diferentes universidades no Brasil, e reúne em torno de 50 pesquisadores. Sendo o desígnio da coletânea apresentar um conjunto de livros, cada um focado numa camada do campo que analisa as derivações da inovação sociotécnica sobre a democracia e o território.

A professora Beatriz Alencar Couto, se associa à rede para nos contemplar com livro *Campo intelectual*, Vol II, que examina os resultados derivados na Inovação sobre o trabalho intelectual. O desígnio da coletânea é formar uma totalidade analítica, que tenha por objetivo, examinar os múltiplos objetos que desafiam nosso pensamento, para tornar visível o invisível espaço urbano digitalizado e analisar os seus resultados sobre a vida humana.

Prefácio

O trabalho intelectual como base da economia cognitiva e do capitalismo digital tem revolucionado nossas relações sociais de produção intelectual. E, no entanto, seus efeitos disruptivos, não obstante estarmos todos trabalhando cotidianamente para sua implementação, parecem escapar à apreensão crítica dos intelectuais atuando no chão dos laboratórios, dos sindicatos, das agências de financiamento, das instituições de pesquisa e inovação, das universidades. Este livro resulta de um esforço de longa data para propor uma discussão pública das nossas práticas e do sentido das mudanças que nós temos implementado desde o século XIX, sem nos dedicarmos a apreender e formular um direcionamento que escape da heteronomia do processo em curso.

Teorizar e pesquisar nas condições e do lugar em que vivo exige empenho a ser renovado diariamente, questão que, a despeito das estratificações de gênero e raça de que não escapa a academia, há não obstante, de caracterizar a prática da imensa maioria de investigadoras/es deste país. De passagem, quero anotar que o uso da linguagem convencional de gênero ao longo do texto não pretende reforçar esse viés, pois não consegui para isso uma solução que me parecesse satisfatória, mas posso acrescentar que, pelo menos historicamente no campo deste estudo, o uso do gênero masculino corresponde à imensa maioria dos casos empíricos tratados. Além disso, espero que a perspectiva decolonial que se debruça sobre um objeto empírico e teórico clássico da literatura no mundo desenvolvido possa revelar um outro olhar a ser valorizado. Ainda aguardo que a discussão sul-norte venha a representar uma reorientação bem-vinda relativa ao objeto que nos reúne globalmente – o processo de trabalho do intelectual sob a economia cognitiva – e que se sustente a meta declarada de cooperação no desenvolvimento da ciência ocidental. Finalmente, sendo este texto uma tradução do original em *ebook Digital capitalism and the social relations of intellectual production*, recentemente publicado, fui

confrontada com momentos em que ajustes se fizeram necessários, o que eu espero vir a ter eventualmente a oportunidade de poder reparar na versão em inglês.

Os capítulos apresentados a seguir são quatro de um total dos cinco apresentados em congressos do European Group of Organizational Studies (EGOS: 2012-2018). O quinto artigo¹ já havia sido publicado quando a oportunidade de apresentá-lo em livro me foi dada. Esses eventos me ofereceram por um período oportunidades para diálogo atento, o que agradeço, e que tiveram impacto direto na ampliação e desenvolvimento dos conteúdos e me instigaram ao subsequente esforço no seu apuro. Apesar disso, é bastante claro que essa discussão provocou tanto simpatia quanto estranhamento, reações que não singularizam os interlocutores da esfera internacional, mas que permeiam a apresentação desta linha de pesquisa e a base teórica adotada, independentemente das origens sociais, nacionais e escolhas teóricas dos leitores. Além disso, como os artigos foram escritos para serem lidos independentemente, há repetições que tentei minimizar nesta coleção, mas que foram inevitáveis, visto que o conhecimento da argumentação de suporte não podia ser presumido e que, onde permanecem, são um traço-registro do processo de sua produção.

No primeiro capítulo - “Autores sem obra: a proletarização do trabalho intelectual em arquitetura, planejamento urbano e urbanismo” - a discussão teoriza e historiciza a emergência do intelectual proletário há cerca de dois séculos. Desde meados do século XIX, mudanças começaram a se institucionalizar nas nossas relações sociais de produção intelectual sob o capitalismo. Isso ocorreu pela proletarização do intelectual clássico através de sua subsunção real, que obviamente resulta não apenas do trabalho assalariado, mas também, entre outras práticas já observáveis em nosso cotidiano, da divisão de tarefas, comodificação da obra e expropriação do mais-valor simbólico. Tal processo requer especificações e clarificações teóricas *vis-à-vis* o processo multissecular mais bem estudado e entendido das relações de produção relativas ao trabalho manual, cujo desenvolvimento capitalista também prossegue. O desdobramento histórico desses fenômenos pode ser observado nos casos da arquitetura, planejamento urbano e urbanismo, para os quais

¹ COUTO, B. Symbolic capital: Bourdieu critiqued from a Marxist-Lacanian perspective. *Revista Indisciplinar*, 2022.

a multissecular tradição do nome de autor tem sido substituída pelo nome-marca que se refere ao profissional proprietário ou usufrutuário das relações capitalistas de produção, que é quem retém exclusividade informal ou legal sobre os produtos do trabalho coletivizado que instituiu e promove. Embora inadequadamente entendido e pesquisado na literatura, a compreensão desse processo histórico é crucial para identificar aspectos-chave do desenvolvimento do capitalismo contemporâneo, o que será acompanhado através do exame do processo de trabalho como já ocorreu ou ainda ocorre nos largamente conhecidos escritórios de Daniel Burnham, Le Corbusier e Zaha Hadid Arquitetos, aqui selecionados e analisados por seu valor de instituição e avanço na prática do trabalho coletivizado.

O segundo capítulo discute “O uso e o abuso do conceito de capital nas ciências sociais” conforme adotado em diversos campos das humanidades e ciências sociais desde a década de 1960, quando a discussão já previamente levantada se desenvolveu a partir dos teóricos da economia neoclássica. O conceito de capital – originalmente referido e consagrado para a esfera da produção econômica, foi então introduzido na esfera social e até no âmbito da vida familiar, este último o centro da esfera da reprodução. Entende-se aqui que essa ampliação de significado e aplicações avançou sem a discussão teórica adequada. Os usos e abusos de tais práticas ficam ressaltados quando a lógica que preside tal migração conceitual deixa de esclarecer a necessidade de avaliar os impactos teóricos das novas formulações para os campos e disciplinas mutuamente concernidos. Reconsiderações conceituais foram quase ausentes, ou explicitamente consideradas desnecessárias e, quando muito, apresentadas como expectativas decorrentes de possíveis refinamentos futuros. Abusos ocorrem quando o novo uso, por definição explícita, contraste, homologia ou analogia referentes ao terreno comum que relaciona as disciplinas em jogo, não é diretamente declarado ou justificado. O procedimento analítico adotado analisa as definições de capital humano e social como propostos pelos principais autores neoclássicos e até críticos, enquanto, ao mesmo tempo, leva em consideração as posições políticas de seus autores entendidos como sujeitos manifestos nos textos que veiculam.

O terceiro capítulo analisa as “Mudanças estruturais nas relações sociais de produção intelectual: da era do intelectual clássico à emergên-

cia do trabalho intelectual coletivizado” instituídas desde meados do século XIX para definir a forma de produção geral e empiricamente observada nas equipes de pesquisa, desenvolvimento e inovação (PD&I). Enquadrar teoricamente essa mudança é essencial para entender o modo de funcionamento do trabalho intelectual como força central de produção nas sociedades capitalistas contemporâneas e as consequências que daí decorrem para os indivíduos e organizações afetados. A tese aqui formulada é que a coletivização promovida pelo capital impõe a expropriação do mais-trabalho simbólico no campo intelectual como processo homólogo, mas diferenciado da expropriação de mais-trabalho descrita por Marx para a indústria. Para esse fim, a estrutura teórica que fornece a base para esta pesquisa requer a crítica da gratificação simbólica conforme proposta por Bourdieu, a ser feita através da conceituação do registro Simbólico por Lacan. O foco central será a identificação da estrutura no movimento dos campos analisados. Como entendido, em termos lógicos, capital e governo passam a liderar a adoção e desenvolvimento de paradigmas, o que permite presumir que trabalham pela conquista de um esperado equivalente geral exigido pelo capitalismo para a organização unitária dos diferentes campos de conhecimento.

O quarto capítulo – “Capitalismo digital e a economia cognitiva: uma crítica histórico-materialista” – se concentra na emergência das relações sociais de produção intelectual sob as novas condições generalizadas de operação do capitalismo digital e sua correspondente teorização com vistas a compreender seus possíveis impactos sobre a luta de classes contemporânea. Teóricos neoliberais, liberais e marxistas parecem ter indiscutivelmente fracassado na identificação correta do processo de coletivização do trabalho intelectual subsumido sob o empresário intelectual desde o século XIX, processo este que é responsável por promover e extrair excedente do valor simbólico gerado pelo trabalho que (re)organiza no chão dos laboratórios e escritórios. A partir de meados do século XX, a economia cognitiva baseada na pesquisa, desenvolvimento e inovação (PD&I) tornou-se hegemônica, manifestando-se notavelmente na coletivização do trabalho intelectual, embora suas raízes históricas possam ser rastreadas ao início do século XIX, significativamente antes da análise seminal de Marx, o que sem dúvida dificultou sua necessária identificação e interpreta-

ção teórica. A crítica obrigatória ao capitalismo digital adotada aqui vai recorrer a pensadores marxistas e não marxistas, enquanto o recurso aos registros lacanianos – o Simbólico, o Imaginário e o Real – pretende ajudar a identificar e abordar eventuais ecletismos, lacunas, deslocamentos e contradições percebidos. A homologia estrutural da práxis intelectual e manual, para além de sua (des)identificação pelos senso comum e douto, destaca a materialidade específica da subsunção de cada qual sob o capitalismo.

Este livro é resultado de uma pesquisa em desenvolvimento desde a década de 1980. Nesse intervalo, foi possível contar com suportes institucionais distintos em momentos muito importantes: mais recentemente, desde 2007, o Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Universidade Federal de Minas Gerais (PACPS-UFMG) em Belo Horizonte me acolheu e persistiu na aceitação de uma linha de pesquisa que tem sido sistematicamente recusada pelas instituições de fomento e encontra limitações sérias para divulgação em revistas apropriadas, com os efeitos previstos nas avaliações produtivistas a que o programa e eu somos submetidos. Não obstante, foi esse apoio que me ajudou a dar sequência ao estudo que, iniciado em 1984, pôde ser desenvolvido com maior fôlego na tese de doutorado, defendida em 1999 – *Trabalho intelectual coletivizado: produção, conhecimento e reconhecimento* –, orientada pela professora doutora Tamara Tânia Cohen Egler no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ). Aqui fui novamente acolhida por ela, como coordenadora, e pelos colegas do grupo de pesquisa do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia, Inovação, Rede e Território, Reginaldo Cardoso, Aldenilson Costa, Ana Cristina Fernandes, Fábio Peixoto, Lalita Kraus, Juan Salmentón, Cláudia Werner e Elis Miranda com o apoio imprescindível dos monitores Thiago Pereira e Guilherme Cavalcante.

Nesse intervalo de mais de duas décadas, a possibilidade de manter interlocução ocorreu nos colóquios do EGOS, com retornos que, embora eventualmente manifestando surpresa ou mal-estar pela abordagem proposta, aceitaram minha insistência em postular a questão. Aos interlocutores das comunicações que me deram retorno inestimável, registro agradecimento especial a Paul Adler e Aurélien Feix.

Conforme já indicado, o apoio recente e direto para esta pesquisa vem do programa de pós-graduação em que trabalho e onde alguns colegas, em sua aceitação do caminho que escolhi, tiveram em diferentes ocasiões que enfrentar as pressões de produtivismo promovidas por instituições do governo que financiam a universidade e programas de pesquisa. Quero agradecer aos seguintes pesquisadores e estudantes pelo apoio e atenção a este trabalho que teve resultados em seu avanço ou divulgação: Renata Maria Abranches Baracho Porto, Maria Luiza Almeida Cunha de Castro, Leonardo Barci Castriota, Ana Beatriz Mascarenhas e Thais Gontijo Venuto. Quero também mencionar a dedicação da secretária Victoria M. de Leòn Greco. Bem-vindo apoio financeiro foi oferecido em dadas ocasiões pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Muitos colegas forneceram suporte em momentos diferentes ao longo dessas quatro décadas que espero ter reconhecido ao tempo em que ocorreram.

Quanto a pessoas exteriores a essas instituições que também contribuíram, quero mencionar Virgínia Guimarães Ferreira, John Warrenner, Beatriz Marinho Gomes (*in memoriam*), Claudia Pires e Carolina Belisário Couto. Todos eles me apoiaram em áreas e momentos em que necessitei de suporte. Este trabalho foi desenvolvido principalmente em *home office* e por isso interferiu na vida familiar, cujos limites tive para administrar nem sempre para a maior satisfação de todos. Não obstante, sou grata por sua aceitação da importância deste trabalho para mim: André, Daniel, Larissa e Luana.

Capítulo 1

Autores sem obra: a proletarização do trabalho intelectual na arquitetura, no planejamento urbano e no urbanismo¹

Desde o final do século XIX, as relações sociais de produção intelectual sob o capitalismo foram revolucionadas. A figura do intelectual clássico – vista e autorrepresentada como autônoma, responsável pela concepção e desenvolvimento do próprio trabalho e pessoalmente nomeada e julgada através do processo de (des)legitimação conduzido por seus pares – transmutou-se no intelectual proletário. De forma homóloga à análise seminal de Marx para a indústria, esse processo tem sido caracterizado pela subsunção real, resultante não só de assalariamento mas também da divisão de tarefas, mercantilização da obra e a expropriação do mais-valor simbólico do trabalho intelectual.

Tal transformação requer especificação teórica *vis-à-vis* a condição historicamente mais bem compreendida e pesquisada do trabalho manual. Postulada como característica estrutural da organização capitalista atual e intrínseca à economia cognitiva, essa mudança radical na releação entre autor e obra foi sentida na ciência, nas artes e, mais recentemente, dentro de academia². O desenvolvimento histórico dos fenômenos será aqui examinado nas profissões da forma urbana, arquitetura, planejamento urbano e urbanismo³, nas quais a tradi-

¹ Uma versão reduzida deste artigo foi apresentada no Seminário/Disciplina Inovação na Política e no Território. Dominação de territórios no Brasil. 2020. Partes deste capítulo retrabalham e desenvolvem material previamente apresentado no 32nd EGOS Colloquium, 2016 e parcialmente publicado.

² COUTO, B. O mal-estar na universidade: a coletivização do trabalho intelectual. *Caminhos*. 2003, p. 15-33.

³ A expressão profissões da forma urbana foi adaptada de Judith R. Blau, Mark E. la Gory, John S. Pipkin (eds.). *Professionals and Urban Form*. 1983. Considerações adicionais também devem ser dadas ao paisagismo e geografia, uma adição que, apesar de merecer pesquisa, não será discutida aqui.